

# Balanço demonstra fracasso

Zaca Feitosa — 12/2/88

omia

JORNAL DO BRASIL

## dos choques econômicos

Nilton Horita

SÃO PAULO — Seis choques econômicos no período de cinco anos, que incluíram até o confisco dos bens financeiros dos cidadãos, demonstraram que a política de impactos sucessivos sobre a economia não deu certo: o Brasil está mais pobre, não cresceu e a inflação mensal continua ameaçando voltar aos dois dígitos. Praticamente todos os números são negativos: houve evasão de cerca de US\$ 50 bilhões em capitais de brasileiros para o exterior (segundo estimativas do Fundo Monetário Internacional) e o Produto Interno Bruto (PIB) per capita (riqueza nacional dividida pelo número de habitantes) apresentou redução de 0,72% entre 1986 e 1990.

“Na verdade, a economia já aprendeu a conviver com choques sucessivos. Portanto, choque não tem mais surpresas”, afirma o economista Geraldo Langoni, diretor do Centro de Estudos Internacionais da Fundação Getúlio Vargas. A sociedade aprendeu como se proteger contra choques econômicos, o que, no mínimo, desincentiva o governo a novos testes de teoria econômica, tentando surpreender o país, tal a sua previsibilidade. Os partidos políticos já começam a perceber que a sociedade está cansada e armada contra novos choques econômicos. A direção do PMDB, por exemplo, iniciou um trabalho de revisão de conceitos programáticos na semana passada.

O trabalho do PMDB pretende encontrar uma proposta de estratégia para enfrentar a crise brasileira. “O choque econômico é apenas um subproduto da crise mais geral. O PMDB quer formular uma estratégia administrativa de solução”, afirma o deputado César Maia (PMDB-RJ). O ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira, responsável pelo Plano Bresser, em junho de 1987 diz não ter “a menor dúvida de



Pastore: diversionismo

que o ministro Marcílio Marques Moreira vai, em algum momento, adotar um novo choque econômico”.

O ciclo vivido pela economia brasileira foi muito bem resumido pelo ex-ministro Mailson da Nóbrega, autor do Plano Verão, em janeiro de 1989: “Nenhum ministro resiste a adotar um choque quando a inflação está em dois dígitos e com tendência de elevação”.

**Marketing** — O economista Afonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central e autor de choque nenhum, mostra como a sociedade brasileira absorveu a cultura dos pacotes econômicos. “O plano Soft”, anunciado pelo presidente Fernando Collor, não existe, é uma peça de marketing que serve apenas para gastar a energia da sociedade em tentar entender o que é soft ou hard”, analisa. “Tenho a impressão que é uma tática diversionista, quando em economia só podemos trabalhar em cima de fatos. E os agentes econômicos têm hoje os seguintes fatos: recessão e inflação

reprimida”. Os fracassos dos choques econômicos são provocados por vários motivos. Segundo Bresser, alguns dão errado por serem concebidos em regime de emergência (Plano Bresser e Plano Collor I), outros pela má gestão de seus autores (Plano Cruzado, Verão e Plano Collor II). Pastore adiciona: “Alguns erraram porque não sabem nada mesmo. Outros por quererem marcar seu nome para a imortalidade”.

Sobre esse balanço geral, os agentes econômicos pouco têm a comemorar. “Esse ciclo de choques criou no Brasil a impossibilidade de investimento”, afirma Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar e membro de Conselho de Administração de pelo menos uma dezena de grandes companhias. Os manuais de administração mostram que há dois tipos de investimento: voltados para atualização oportunística (compra de novos equipamentos, por exemplo) ou para a construção de novas fábricas e diversificação de atividades. “Os primeiros ainda ocorrem na economia brasileira. O segundo caso, que é o investimento de maior qualidade, não existe”, explica Teixeira da Costa. O Grupo Goldmine é exemplo dessa situação em que se meteu a empresa brasileira. “Nós estamos com um projeto de construção de frigorífico no Nordeste parado desde 1986”, conta Nathan Blanche, vice-presidente do Banco Goldmine.

Quando o Grupo começou a estudar o assunto, em março de 1986, um mês depois do Plano Cruzado, a construção de um frigorífico era um empreendimento excelente. “Tivemos receio e esperamos para ver”, afirma Blanche. “Se tivéssemos feito o projeto, estaríamos quebrados. Em setembro de 1986, o boi sumiu do pasto e os preços estavam artificialmente congelados. A lição serve até hoje para mostrar como não se pode planejar nada nesse país”.